

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Isabel Costa

registada em 2009-02-11
por

Susana Pires e Jenny Campos

Isabel Costa

Isabel Maria da Conceição Quaresma Costa nasceu no dia 7 de Setembro de 1965, na Fórnea. O pai chamava-se Júlio Quaresma e a mãe Lucinda da Conceição. Eram ambos da Fórnea. O pai foi carpinteiro, serrador nos pinheiros, trabalhou nas fazendas e nas Minas da Panasqueira. A mãe trabalhou sempre na fazenda. Criaram oito filhos numa casa de xisto, com três quartos. Na infância Isabel, brincava com o irmão mais novo dois anos, “era sempre a brincar e a brigar”, mas o tempo para as brincadeiras era pouco, tinham de trabalhar. Andou na escola até à quarta classe. No regresso de um dia de escola ainda tinha de ir ao mato, à lenha e guardar as cabras, com o irmão. Começou a trabalhar desde os 11, 12 anos a carregar materiais para as casas que andavam a construir e a trabalhar na fazenda. Recorda o namoro “normal” com o marido, com quem casou num dia de chuva e frio. Após quatro anos nasceu o primeiro filho. Mais tarde a segunda. Com uma infância diferente já não precisam de trabalhar como no tempo da mãe.

Índice

Identificação Isabel Maria.....	4
Ascendência Trabalho a meias.....	4
Casa Grande mas velhinha.....	5
Infância Infância partilhada com um irmão.....	6
Educação 64 reguadas.....	8
Religião Só a Primeira Comunhão.....	8
Namoro Namoro de domingo.....	8
Casamento Nada de lua-de-mel.....	9
Descendência Já não precisam de trabalhar.....	10
Costumes O outrora e o agora.....	12
Lugar A Mourísia de outros tempos.....	14
Sonhos "Era ter ido para Lisboa".....	17
Avaliação "Uma referência do que foi a aldeia".....	17

Identificação *Isabel Maria*



Isabel (com 23 anos)

O meu nome é Isabel Maria da Conceição Quaresma Costa. Nasci no dia 7 de Setembro de 1965, na Fórnea.

Ascendência *Trabalho a meias*

O meu pai chamava-se Júlio Quaresma e a minha mãe Lucinda da Conceição. Eram da Fórnea também. Em princípio, o meu pai foi carpinteiro, serrador nos pinheiros. Punha as paredes nas casas, chamavam os frontais, e punham o chão. Na altura era tudo assim. As casas eram todas feitas assim. E trabalhava nas fazendas. E também trabalhou nas Minas da Panasqueira, uns

anos, mas foi quando era mais jovem. A minha mãe trabalhou sempre na fazenda. Em princípio a fazenda era a meias, como chamavam, depois para o fim já era dos meus pais. A meias era metade para o dono da fazenda e a outra metade era para eles trabalharem. Cultivavam batatas, milho, feijão, couves, essas coisas assim.



Isabel com os pais e irmãos no dia do casamento

Casa Grande mas velhinha

A minha casa era uma casa velha, de pedra e de madeira, tudo antigo. Era de xisto preto. Toda assim por fora e por dentro. Eu tinha sete irmãos e a casa tinha três quartos. Dormiam as raparigas e os rapazes. Eu como sou a mais nova dos meus irmãos, que eu me lembre já estavam só dois rapazes. Os outros irmãos já tinham saído, já tinham ido para Lisboa. Então dormiam esses dois e eu dormia sozinha. Tinha a loja e dois andares. Era uma quinta, embora fosse agregada à Fórnea mas era uma quinta ainda distante. Ainda era uma casa grande. Só que velhinha. O andar de baixo eram duas salas onde a gente guardava as coisas,

batatas, o que a gente cultivava. Por cima era uma cozinha, a sala e os quartos. O de baixo era a arrecadação do pasto e do vinho.

Casa de banho não havia. Faziam-se as necessidades num curral fora de casa. Tomar banho era numa bacia. Não havia água em casa. Íamos à ribeira apanhá-la fria, gelada.

Cozinhar era na lareira. Era tudo ao lume, em panelas de ferro, primeiro. Depois começaram a vir as de alumínio. Mas, geralmente, eram aquelas de ferro com umas patas, a gente chamava pernas, eram de três pernas. E era assim. Comia-se sopa, batata, feijão. A gente criava porcos, durante o ano. Ia-se comprando um peixito de raro em raro. Quando iam por exemplo a Côja, ou a Arganil, às feiras. Mas muito raro porque antigamente iam a pé. Ultimamente, assim que abriram as estradas, já iam de carro. Nas camionetas. Vinham às quintas-feiras, iam lá então. Compravam lá tudo, roupas, mercearias e assim essas coisas.

Infância *Infância partilhada com um irmão*

Os mais velhos foram para fora

Era eu pequena quando os meus irmãos foram trabalhar para Lisboa. A mais velha quando saiu casou-se. Depois os outros foram trabalhar. A que foi a seguir foi servir. Chamavam servir em casa de pessoas, trabalhar. Outro foi para mercearias, ficou a trabalhar em mercearias. Hoje alguns têm supermercados ou mini-mercados. O outro trabalhou num banco. Já está reformado. Na minha terra não havia emprego, não havia nada. Não havia condições e iam à procura de melhor emprego, melhor serviço. Alguns saíram com 12 anos. O que foi mais velho já tinha 18. Os outros tinham 12, 11, 13 anos. Era assim.

Brincadeiras

Tenho um irmão que era a seguir a mim, éramos mais próximos, nem chegava a dois anos de diferença, era sempre a brincar e a brigar. Era mais isso. Brincar a gente não brincava muito porque não tinha tempo para isso mas a gente entretinha-se a jogar à bola, às escondidas, andávamos por lá, a trabalhar e a brincar. E brinquedos não havia.

Ia ao mato e guardava as cabras

Quando andava na escola ia almoçar a casa. Nós morávamos na quinta, ainda era longe. Uns quatro ou cinco quilómetros, depois íamos almoçar, voltávamos e, à tarde, íamos ao mato, à lenha, guardar as cabras. Era a nossa vida. Ia buscar as cabras nos dias que eram maiores. No Inverno, a gente saía quase à noite. Mas nos dias maiores era sempre. Era eu e o meu irmão. Mais nada. As outras crianças ficavam lá na terra e nós vínhamos os dois para a quinta. Enquanto guardávamos as cabras brincávamos. Lá fazíamos uns casarotes de pedra, mas pouco que a gente tinha de trazer mato ainda, quando já éramos mais crescidinhos. Tínhamos de roçar o mato e levar para casa.



Isabel (com 18 anos)

Aos 12 carregava 50 quilos

Desde os 11, 12 anos que comecei a trabalhar. Aos 12 anos já eu carregava materiais para as casas que andavam a construir. Sacas de cimento de 50 quilos. Era assim. Foi uma altura que uma irmã minha fez uma casa. Então eu e o meu irmão, carregávamos os materiais que ainda ficavam longe da estrada. E depois trabalhava na fazenda, cavava terra, semear e assim.

Educação 64 reguadas

Andei na escola até a quarta classe. Chamavam então a quarta classe. A escola era na Fórnea. Chegámos a andar umas 14 crianças, mais ou menos. 12, 14, 15 no meu tempo. Aprendia-se a ler. Matemática, História, Ciências, tudo. No início ainda usávamos aquelas ardósias pretas, depois começámos a usar os cadernos, comprávamos os livros que mandavam comprar e uns cadernitos. Era com um giz que escrevíamos. Eu já não me lembro bem. Era uma coisa própria para aquilo.

Tive várias professoras. Cada ano uma. Tive quatro, pelo menos. Eu chumbei um ano. Primeira e segunda classe foi a mesma e depois cada uma a sua. Na altura, os professores eram um bocadinho rígidos. Principalmente, aquela primeira, a segunda também, essa era mais simpática, mas a primeira, dura, uma vez deu-me 64 reguadas, seguidas, porque eu não sabia a tabuada.

Religião Só a Primeira Comunhão

Andei na doutrina mas pouco tempo. Fiz a Primeira Comunhão e foi o que aprendi. Havia poucas catequistas na minha terra. Aprendíamos na Fórnea e depois íamos fazer ao Piódão. As catequistas eram umas raparigas assim já mais crescidas. A minha era a minha madrinha de baptismo. Do dia da Primeira Comunhão lembro-me, tenho uma ideia de que ia com a minha mãe ao Piódão, a pé, mas depois não me lembro, não tenho mais ideia nenhuma. Sei que nesse dia vestíamos uns vestidos brancos.

Namoro *Namoro de domingo*

Foi um namoro normal. Conhecemo-nos por acaso e ele começou a ir a minha casa aos domingos e depois começámos então a namorar. Escrevemo-nos e pronto. Ele era da Mourísia e eu era da Fórnea. Mas depois ele trabalhava lá nas estradas, a comprar. As nossas estradas ainda não eram de alcatrão na altura. Então ele andava e soube que havia alguma coisa e começou a lá ir, a gente conheceu-se assim. Foi-se vendo. Escreveu-me, eu respondi, e depois começou, aos domingos, a lá estar um bocado, conversar. Namorámos quase dois anos. Depois falou-me em casar. Marcou a data e estava a andar. Acho que não pediu ao meu pai. Já nem me lembro. Mas acho que não. Já não se usava isso.

Casamento *Nada de lua-de-mel*



Isabel e Arménio no dia do casamento

O dia do casamento foi um dia de chuva e de frio. Foi em Arganil, no Mont'Alto. Foi bonito. Fomos à igreja, na capelinha. A seguir fomos almoçar, no restaurante. Acho que o almoço foi chanfana e não sei se foi arroz à valenciana. Acho que foi assim. Eu ia com um vestido branco e véu. O meu marido ia de fato azul claro, azul clarinho. E não tivemos lua-de-mel. Nada disso. A gente não tinha tempo para isso. A lua-de-mel foi a trabalhar. Não fui no dia a seguir porque eu casei num sábado e a gente ao domingo não trabalha. Na segunda-feira ainda estive na minha terra. Acho que foi no dia 2 de Maio que eu vim para a Mourísia. Comecei logo a semear batatas, cavar terra. Foi assim. Era no tempo disso. Era em Maio. Tínhamos que cultivar.

Descendência Já não precisam de trabalhar



Os filhos Carlos (com 6 anos) e a Sónia (com 2 anos)

Quatro anos depois de casar tive o primeiro filho. Entretanto, também tive de ser operada, não pude logo a seguir a casar. Nem que quisesse não podia ter logo. E foi depois quatro anos. Tenho dois filhos. Fui a Coimbra tê-los na maternidade.



O filho Carlos (com 15 anos)

Na Mourísia não há escola. O mais velho foi estudar na Moura, até ao quarto ano. A mais nova já teve que ir para a Cerdeira. Até o quarto ano esteve em Côja e o mais velho está em Arganil. Quando andava na Moura vinha uma carrinha buscá-lo. Para a Cerdeira, a rapariga até era a carrinha do Centro de Dia, ia buscar e trazer. Agora assim que foram para Côja e para Arganil é o autocarro, da Transdev, transportes da Câmara. E quando chegam da escola já não vão trabalhar. Graças a Deus, ainda não precisaram disso. Já têm uma infância diferente.



A filha Sónia (com 10 anos)

Costumes *O outrora e o agora*

Do milho à broa

Cultivávamos milho, e o milho era para a broa, moíam e depois faziam a broa. Mói-se o milho no moinho, que está nas ribeiras com água. A gente ia lá, punha o milho, fazia a farinha, depois peneirava, amassava o pão e deitava no forno. Aquecia o forno e punha-o lá dentro. O forno era de casa. Geralmente cada um tinha o seu. Antigamente em certas terras havia um para a povoação inteira. Mas nós lá tínhamos um mesmo nosso.

"Era uma festa"

A matança do porco era uma festa. Para nós, aquilo era uma alegria quando éramos mais novitos. Vinham vários homens, amarravam-no, matavam-no, chamuscavam-no, penduravam e mais tarde desmanchavam. As mulheres faziam o comer e depois lavavam as tripas para fazer o enchido, mais tarde, e depois, à tarde migava-se a carne para fazer as chouriças, os enchidos e assim. Eram as chouriças de carne, de sangue, depois as farinheiras também faziam. As de sangue miga-se a carne, depois leva o sangue de porco, que se tira quando ele está a morrer, tem que se pôr sal e água quente no fundo do balde, da bacia, para o sangue não coalhar. E depois juntavam ali, ao sangue, alho e assim essas coisas, os temperos. As chouriças de carne é o mesmo género. É só a carne e depois tempera-se com alho, colorau. Há quem ponha tomilho, cravinho e depois junta-se azeite, água para fazer o molho e põe-se no cepo. Depois de dois ou três dias enchem-se. A farinheira também é o mesmo género. É a mesma carne, mais gordurosa. Há quem faça com pão, punha-se assim azeite, os temperos também no barro e enche-se.

As chouriças secavam-nas, penduravam-nas nas varas, punham-nas por cima das fogueiras, das lareiras até secarem. No fim de secarem guardavam-nas numas panelas com azeite, não havia arcas frigoríficas, naquela altura. Era assim que se fazia. A carne era numa arca, chamavam salgadeira e ali se conservavam. E ia-se comendo durante o ano.

Natal solitário

O Natal pouco mudou. As famílias reúnem-se. Fazem a festa normal. As famílias mais chegadas, uns vão passar a Lisboa, outros vêm passar à terra com os familiares. E é assim. Antigamente, quando os meus pais podiam iam passar com os outros filhos a Lisboa e eu ficava sozinha. Foram muitos anos assim. Era nova. 15, 16, 17, 18 por aí. Por essa fase. Estava uma irmã na Fórnea mas essa estava casada e estava lá na casa dela e eu estava na minha. Embora, às vezes, a gente se juntasse um bocado à noite e isso. A gente nunca foi habituada a receber nada, nunca recebeu prendas, nunca recebeu nada, nunca deu nada, a gente já estava acostumada assim. A consoada era o bacalhau, as couves, mais uns doces. Isso fazia-se.

"Comer melhorzinho"

Na Páscoa vinha o padre dar as Boas-Festas pela casa. Agora ultimamente é uma pessoa, um leigo cá da terra é que dá a volta com a cruz a beijar. Faz-se sempre um comer melhorzinho. Antigamente era chanfana, tigelada, arroz-doce, coscoréis e os bolos.

Para a chanfana a gente corta a carne, da cabra ou do cabrito, ou de ovelha, tanto faz e põe o tempero, com cebola, alho, colorau, serpão, óleo ou azeite quem quer pôr, vinho e põe lá no forno, num caçoilo, de barro, preto.

A tigelada eu ponho dez ovos, um litro de leite e açúcar a gosto. Mexe-se aquilo tudo e põe-se lá no forno, num tacho. É fácil. Aquilo cresce para cima e depois quando está a cozer, começa a descer no tacho, começa a minguar. Então a gente vê mais ou menos quando está cozida. Põe um pauzinho, se estiver seco, já está boa.

Desfile em Côja

O Carnaval era igual. Não havia nada de especial. Agora, todos os anos, a gente vai a Côja, ver lá um desfile. Mas aqui não há nada. Antigamente é que havia bailes mas no meu tempo não. Nunca me lembro.

"Modas mais modernas"

A padroeira da Mourísia é Nossa Senhora da Assunção. É em Agosto que fazem a missa, já têm feito procissão mas é raro. Quando é a procissão levam a santa, o andor, e dão a volta à igreja. Dão a volta e torna à capela. Então fazem a missa e o leilão na capela. As pessoas oferecem coisas, garrafas, queijos, o que tiverem, depois leiloam lá para as obras da capela, para a santa. Depois, à noite, há baile. É um conjunto a tocar e lá andam a dançar uns com os outros, aos pares. Agora já é mais à moderna. Os conjuntos já tocam as modas mais modernas e é assim. Antigamente eram aquelas músicas à folclore. Nessa altura, ainda há muita gente. Os familiares, as pessoas que estão em Lisboa e alguns que estão em França.

Lugar A Mourísia de outros tempos

"Não sei se é verdade, se não"

Ouvia contar histórias dos lobisomens mas nunca vi. Na minha terra contavam. Se era verdade ou não, não sei. Contavam que eles andavam a passar de noite, os lobisomens. Que ouviam um barulho, que viam. Não sei, se viam, se não. Segundo o que diziam o lobisomem era um homem que se transformava noutra animal, e corria durante a noite sete freguesias. Se encontrasse na rua dejectos de animal era naquele animal que se transformava.

De bruxas também ouvia contar histórias. Que apareciam aqui e apareciam ali mas não sei se era verdade, se não.

Médicos, barbeiros, chás e rezas

Médicos, antigamente, tinha que ir a pé, mas médicos nem havia, eram barbeiros. Ainda me lembro da minha mãe contar que uma ocasião tinha alguns pequeninos e tinham que andar até à Benfeita, que tinha, chamavam um barbeiro, e era aí que eles iam por essas serras abaixo a pé. Esse homem receitava também medicamentos, mas era mais à base de chás.

Há pessoas que tomam muitos chás. De cidreira, tília, para o estômago, quando estão maldispostos, hipericão para o fígado. Como eu não gosto de chás, não ligo muito, não sei.

Sei que me contaram, que a minha mãe foi lá comigo uma vez, porque eu não crescia, foi lá e ele disse:

- "Isto não escapa!"

Depois cortavam o ar, lá começaram a dizer:

- "Cortem o ar que depois escapa."

Era uma noite de lua cheia, num lameiro, no chão, cortam a relva à volta com um sacho. E disse umas palavras. Diz então:

- "Lua, luar, segue o teu andar, deixa a minha filha que a quero criar."

E cortaram a relva à minha volta. E a minha mãe disse que não sabe se foi disso ou se não foi, porque a partir daí comecei a crescer e pronto. Quando ele veio, uma vez, esse tal barbeiro e diz assim:

- "Quê? Esta é a mesma menina que você lá levou? Eu pensei que ela já não escapava."

E era assim. Tinha destas coisas. Foram as pessoas da terra, aquelas mais antigas, é que me salvaram, que começaram a dizer isso. Ela experimentou. Ela disse:

- "Olha também não custa nada, vamos lá experimentar fazer isso."

A minha mãe quando a gente torcia alguma coisa, dizia aquelas palavras que faziam com o panelo. Uma vez caí, e torci um pé e ela também me fez isso. Era um carro de linhas, uma tesoura. Acho que era um pente e depois cozia aquilo tudo no tornozelo. Dizia umas palavras mas eu não sei bem. Era nervo quebrado ou nervo torto é isso mesmo que eu cozo. Assim uma coisa qualquer. Há pessoas que sabem essas palavras mas eu não aprendi assim muito bem.

Mesmo aqui havia peçonha, daqueles bichos que passavam também havia quem cortasse isso com alho e essas coisas assim. As pessoas mais antigas sabem. A peçonha são os bichos, sapo ou cobra ou assim, às vezes, passam na roupa e depois fica, agora dão outro nome que é a zona, dizem zona, mas chamavam peçonha, e cortavam isso. Era com a rama dos alhos, por cima de uma porta. Depois dizem as palavras, vão cortando, queimam aquilo e misturam com azeite e depois botam no corpo por cima daquela parte.

Antigamente os partos era sempre em casa. Havia umas parteiras nas terras é que ajudavam. A minha sogra era uma dessas. Ajudava aí a tê-los. Ajudava as mulheres a ter o filho.

"Todos os dias e sempre a pé"

O correio era a pé. Iam levar as malas, com as cartas, a Pomares. Passavam por essas terras todas. Na Fórnea era a mesma coisa. Até era o meu cunhado, o carteiro no meu tempo. Levava de lá, depois ia a Malhada Chã e ia levar ao Piódão e depois retornava. Todos os dias e sempre a pé. Era horrível com chuva e com neve. Nevava muito. No alto neva muito. Às vezes, já há mais de um mês que não havia neve e na terra, ainda tinha ele que andar a calcá-la na serra. Era horrível.

Luz de candeeiro e as andadas

Antigamente não havia luz. Era um candeeiro a petróleo, daqueles pequenos. A gente tinha de se iluminar de noite. Logo que anoitecia a gente já não podia sair à rua. Não se via nada. Só com uma pilha ou com umas lanternas que havia antigamente a azeite. Era assim que se desenhavam. Mas havia pessoas que regavam durante a noite porque havia muita gente. Era tudo cultivado. Então a água tinha de ser dividida, como era de corrente, tinha

de ser dividida uma tantas horas cada um. E aquele que calhava de noite, tinha de regar de noite. Chamam as andadas, uns tantos dias, hoje é para uns, amanhã é para outro. Tantas horas para outro. Faziam assim aquelas divisões do regadio. E quem calhava de noite tinha de ir.

Várias obras

A Comissão de Melhoramentos tem feito várias obras, os caminhos, as ruas foram todas arranjadas através da Comissão. Os caminhos, certos caminhos, iam-se arranjando. Fizeram a casa da Comissão e foi mais ou menos só isso. Vão-se fazendo assim umas coisitas.

"Aldeia bonita"

Eu aconselhava a conhecerem a Mourísia. É uma aldeia bonita. Tem o castanheiro, o famoso castanheiro dos portos. Mas pouca gente também lá vai porque o caminho também não é muito fácil de chegar. É um castanheiro conhecido porque é antigo e porque já foi queimado por dentro e tem aquelas tocas por dentro. É bonito.

Sonhos "*Era ter ido para Lisboa*"

Os meus sonhos são poucos, são pequenos. Eu contento-me com pouco. O meu sonho era ter ido para Lisboa como foram os meus irmãos. Como não fui agora também não me importa. Alguns irmãos queriam que eu fosse, que me arranjavam emprego e tudo mas como era a mais nova, os meus pais estavam sozinhos, fui ficando, não me deixaram ir. Foi mais isso. Não me deixaram ir para ajudá-los. Casei e pronto. E assim ficou.

Avaliação "*Uma referência do que foi a aldeia*"

Acho este trabalho bom porque os que vierem atrás já têm uma referência do que foi a aldeia, do que as pessoas da aldeia faziam. Senão, não havia registo nenhum, não sabiam nada.